

O JAPÃO NO FEMININO II  
HAIKU

POESIA DOS SÉCULOS XVII A XX

organização e versão portuguesa

LUÍSA FREIRE



2025

KATAYAMA YUMIKO

(N. 1952)

«Ao olhar as coisas que não são notadas senão pelos poetas, as mulheres podem sentir-se um pouco melhor e mais felizes por estarem vivas. Desejo que o *haiku* lhes dê essa oportunidade.»

«O homem e a mulher são, sexualmente, completamente diferentes. No género literário conhecido por *haiku* não terá a mulher a oportunidade de usar essa diferença e explorar um mundo onde os homens não podem entrar e sobre o qual não podem escrever?»

KATAYAMA YUMIKO

Com o som das ondas  
chegando à ponta dos pés,  
recosto-me na cadeira.

Tardou mais um pouco  
o toque para a partida –  
céu enevoadado.

Algas flutuando,  
num deslizar contínuo  
ao cair da noite.

Transforma-se em flor  
pendurado na parede –  
chapéu de Verão.

Meu rosto escondido,  
mesmo sem estar deprimida,  
sob um cachecol.

Ouço a voz de alguém –  
começam já a murchar  
estas campainhas.

Torturo uma formiga  
com a ponta do meu lápis  
sobre a secretária.

Levado na água  
como pétalas de flor –  
gelo flutuante.

Neste nosso tempo  
nenhum poema à pobreza –  
flor da beringela.<sup>1</sup>

Criança a brincar  
com a água no jardim,  
sem ninguém por perto.

As andorinhas no ninho  
não viram meu rosto triste –  
ou terão visto?

Neve de Primavera  
como promessas quebradas –  
caindo, caindo.

1 Os japoneses costumavam cultivar nos quintais beringelas, nabos, pepinos e outras hortaliças para se alimentarem.

Pendente do ramo  
que toca o azul do céu,  
a flor da ameixeira.

Para além do céu  
giram as constelações –  
isto ano após ano.

Na teia da aranha  
nada fica preso à noite –  
brilha a lua cheia.

MAYUZUMI MADOKA

(N. 1962)

«Para mim, compor *haiku* significa “juntar tesouros”. O momento em que os sinto fica mais claramente impresso em mim do que qualquer belo postal ilustrado.»

«A impaciência de não ser capaz de dizer o que mais quero, a tristeza de não poder ouvir o que mais desejo, a dor de não conseguir encontrar o que mais procuro – decidi pôr tudo isso em dezassete sílabas, em vez de chorar.»

MAYUZUMI MADOKA

É Dia da Mãe –  
e acabei por fazer  
minha mãe chorar.

Apanhamos plantas  
depois de termos chegado  
num Porsche vermelho.

Os manequins  
a segredar entre si –  
noite de Primavera.

Um fato de banho –  
desde quando os olho dele  
escolhem por mim?



Como um corpo morto,  
tento manter-me a flutuar  
dentro da piscina.

Depois de fazer  
a cereja baloiçar,  
rebento-a na boca.

Mais do que um irmão  
mas menos que um namorado  
bebendo um refresco.

O circo partiu –  
instalou-se na cidade  
o vento de Outono.

Olha a lua cheia  
com ar de quem não se rala  
por cima de ti.

Varrida em montão  
e emergindo do lixo,  
abelha de Inverno.

Tokyo,  
primeira imagem deste ano –  
nenhum ser movente.

No meu sonho de Ano Novo  
a carruagem da abóbora  
não aparece.

Fingindo não ter  
ouvido, vou engolindo  
a minha bebida.

Estrela cadente –  
apaixonada, sem saber  
onde isto irá dar.

Ondas no Inverno –  
põem a gente à distância,  
tal é seu azul.